

O MÉTODO COMPLEXO E O SEU TEMPERO VIVO: Literatura E Alimentação

THE COMPLEX METHOD AND ITS LIFETIME: LITERATURE AND FOOD

Viviany Moura Chaves¹

RESUMO:

A ciência na busca por respostas para compreender as diversas variáveis que cercam os humanos no universo cosmológico reconheceu a necessidade de articular e religar saberes de várias áreas do conhecimento, implicando em recusar uma ruptura entre a cultura científica e a das humanidades. Assim sendo, conhecer o conhecimento é tarefa essencial de um cientista reflexivo, capaz de compreender o humano em sua complexidade. Acredita-se que a arte seja a chave para ir de encontro com a objetividade do conhecimento e aquilo que é de subjetivo do humano, pois, como já dizia Edgar Morin, em toda obra de arte há um pensamento profundo sobre a condição humana. A arte, em especial a literatura, pode ser considerada objeto de conhecimento e um meio adicional e potente para compreender os questionamentos profundos da condição humana, uma vez que possibilita um pensar voltado para a subjetividade do indivíduo ou da coletividade, rompendo assim com o pensamento pragmático. Dessa forma, pode-se alcançar uma maneira de conhecer o conhecimento se

deslocando de um campo para outro, realizando correlações entre as ciências, sendo a literatura uma via para tal movimento. Conhecer os limites da ciência nos faz refletir não mais sobre o que estamos buscando, mas onde queremos chegar. Nesse sentido, sujeitos reflexivos dispostos a encarar o método científico como uma estratégia ou ensaio, estão comprometidos com o pensamento complexo que está em constante construção e auto-organização.

Palavras-chave: método; complexidade; literatura; alimentação.

ABSTRACT:

Science in the search for answers to understand the various variables that surround humans in the cosmological universe, recognized the need to articulate and reconnect knowledge from various areas of knowledge, implying in refusing a rupture between scientific and humanities culture. Thus, knowledge of knowledge is the essential task

¹ Aluna bolsista do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (Mestrado) da Universidade do Rio Grande do Norte (UFRN), graduada em Nutrição pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: vivianymourachaves@hotmail.com.

of a reflective scientist, able to understand the human in its complexity. It is believed that art is the key to meet the objectivity of knowledge and that which is subjective of the human, because, as said Edgar Morin, in every work of art there is a deep thought about the human condition. Art, especially literature, can be considered an object of knowledge and an additional and powerful means to understand the deep questions of the human condition, since it makes possible a thinking focused on the subjectivity of the individual or the collective, thus breaking with the thought pragmatic. In this way, one can achieve a way of knowing the knowledge moving from one field to another, making correlations between the sciences, being literature a way to such a movement. Knowing the limits of science makes us reflect no longer on what we are seeking, but where we want to go. In this sense, reflective subjects willing to view the scientific method as a strategy or essay, are committed to complex thinking that is in constant construction and self-organization.

Key-words: method; complexity; literature; food.

FUNDAMENTOS PARA COMPREENDER UMA EPISTEMOLOGIA DA CIÊNCIA

Durante muito tempo a ciência tem procurado respostas para compreender as mais diversas variáveis que cercam os humanos nesse universo cosmológico. Vivemos hoje numa constante aceleração tecnológica e de comunicação, onde as coisas não levam anos para evoluírem e se transformarem, pois se exige que as metamorfoses aconteçam

a cada instante, em curtos espaços de tempo. Tempo, atualmente, é uma palavra usada corriqueiramente, mas que tem ganhado um novo sentido a medida que nos perdemos nas infinitas e ininterruptas funções do cotidiano.

É verdade que a ciência tem buscado formas para garantir nossa longevidade, entretanto, parece que somos consumidos pelo medo, devorados pelo isolamento e estagnados pelas mazelas promovidas pelas condições de existência. É inegável mencionar que o sistema capitalista selvagem é o fato mais importante das sociedades modernas, o que revela a natureza essencial dessas sociedades. De um lado produzimos cada vez mais, e mesmo com o aumento de riquezas a miséria continua sendo a sorte da maioria. Nesse sentido, podemos nos questionar o seguinte: o avanço da ciência e da tecnologia asseguraram a resolução dos nossos problemas ou originaram outros mais difíceis de solucionar?

A partir desse cenário atual, nos deparamos com a necessidade de aprender a religar os saberes que foram construídos de forma fragmentada e desmembrada, visto que nem as ciências ditas duras ou as ciências do humano não conseguem, de maneira isolada, compreender todas as dimensões de um determinado fenômeno, tão pouco acompanhar as transformações que ocorrem no mundo.

Para isso há um desejo de impor ordem e desordem ao caos em se tratando de uma ciência da complexidade. Primeiramente porque ordem-desordem é algo indissociável e que não é possível conceber um sem o outro. De acordo com Almeida (2012), “um universo que fosse apenas de ordem seria um universo sem devir, inovação, criação. Do mesmo modo, um universo que fosse apenas desordem não conseguiria construir organização, portanto seria incapaz de conservar a novidade, evoluir e se desenvolver”. Portanto,

devemos ir para além da ordem e entender que haverá sempre o imprevisível, o desvio e a desordem para que assim sejam impulsionadas novas ordens (ALMEIDA, 2012).

Dessa forma, conhecer o conhecimento é tarefa essencial de um cientista reflexivo, capaz de compreender o humano em sua complexidade. Porém, vale salientar que a concepção de pesquisa científica vem mudando a medida que os fenômenos e as coisas em nossa volta se transformam e se desenvolvem no curso da história. Sem dúvidas, os princípios que norteavam a sistematização do conhecimento na época de Descartes diferem, consideravelmente, do cenário atual no âmbito da pesquisa científica.

Em o *Discurso do método* (1637), o filósofo René Descartes (França, 1596-1650) desenvolveu uma ideia de método universal para poder estudar as coisas ao seu redor e encontrar a verdade sobre elas. Bem, suas regras metodológicas para desvendar o conhecimento são de uma perspectiva cartesiana, sob um modelo matemático que enaltece o discurso da razão e se distancia da autoridade dos sentidos, que evidencia as coisas da ordem do universo e oculta as da ordem do espírito.

O autor elenca quatro regras para fomentar o seu método, que são:

(1) *evidência* - jamais acolher algo como verdadeiro que não se conheça evidentemente como tal. Não incluir próprios juízos; (2) *análise* - dividir cada uma das dificuldades em tantas parcelas quantas possíveis e necessárias para melhor resolvê-las; (3) *síntese* - conduzir o pensamento ordenadamente dos objetos mais simples aos mais complexos. (4) *enumeração* - fazer enumerações completas e revisões gerais para se ter a certeza de nada omitir.

Nos séculos XVII e XVIII, estudiosos como Descartes, Bacon, Newton e outros instauraram uma ciência hegemônica

fundamentada em parâmetros estritamente analíticos, elevando assim o velho paradigma do Ocidente. Assim sendo, pensou-se então que a ciência só podia existir se voltasse às costas ao mundo dos sentidos, o mundo que vemos, cheiramos, saboreamos e percebemos (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 10).

Anos mais tarde, o antropólogo Claude Lévi-Strauss em seu discurso na obra *Mito e significado*, fala da relevância atual da constituição de uma nova ciência, no qual a explicação científica deve ser pautada na percepção dos sentidos, dos significados, e da verdade que deve ser explicada “[...] tentando compreender que tipo de sistema original forma o seu conjunto” (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 13).

Por essa razão, o conhecimento sofreu uma cisão entre mente-corpo, espírito-razão, ciência-lógica do concreto (sentidos). Para ele, foi necessário o movimento de divórcio (ruptura) entre o pensamento científico e a lógica do concreto – pensamento voltado aos significados e sua relevância – uma vez que essa experiência trouxe uma nova possibilidade de constituição do conhecimento científico.

Pensador selvagem em um mundo desencantado, Lévi-Strauss sabe que o pensamento mítico é concreto também, no qual deve ser considerada a experiência dos sentidos, do cheiro, da textura, da sensação. Desse modo, pelo fato dessa ciência do concreto não ser medida e matematizada, ela foi banida do enunciado científico como algo místico. O “pensamento selvagem” então se liga à construção de uma ciência do sensível, encontrando na arte um equilíbrio entre conhecimento científico e o pensamento mítico, pois “o artista tem, ao mesmo tempo, algo do cientista e do *bricoleur*: com meios artesanais, ele elabora um objeto material que é também um objeto de conhecimento” (LÉVI-STRAUSS, 2005, p.39). Portanto, a arte

é a chave para ir de encontro com a objetividade do conhecimento e aquilo que é de subjetivo do humano.

LITERATURA E CIÊNCIA: A ARTE COMO OBJETO DE CONHECIMENTO

O conhecimento das ciências do humano está baseado nos aspectos bio-sócio-antropo-históricos da condição humana, que estuda o homem como indivíduo, ser social e, conseqüentemente, os produtos oriundos de sua essência, provenientes de sua imaginação e criação como, por exemplo: a arte.

A arte oferece a justa medida de quem nós somos como humanos. Em *De perto e de longe*, Claude Lévi-Strauss afirma que a arte é uma via de acesso poderosa a um mundus imaginalis, entre os mundos interior e exterior ao indivíduo. Em outras palavras, Edgar Morin em *Cabeça bem feita* afirma que em toda obra de arte há uma reflexão sobre a condição humana (MORIN, 2003; JACOB, 2016).

Roland Barthes defende a afirmação de que o discurso literário parte do imaginário, do devir, da subjetividade, da incerteza, elementos indissociáveis do humano e que, portanto, a literatura é compreendida como criação. Desse modo, ela pode ser como uma “trapaça salutar, uma esquiva, um logro magnífico”, pois através dela a língua está fora do poder – o discurso da arrogância – permitindo que as forças da liberdade se façam presentes na literatura, assumindo assim, liberdade de escrita. O autor ainda afirma que caso as disciplinas do ensino acabassem, apenas uma deveria ser salva: a literatura, pois ela é um monumento transdisciplinar por excelência (BARTHES, 2004; 2007).

O registro literário é mais do que uma escrita ficcional e imaginativa, ou uma “escrita bonita”. Por meio dela permite-se ir “[...] para além de um enunciado maquiado por uma precaução que teme o incerto, o involuntário, a criação, a literatura é uma enunciação que expõe dobras que auxiliam na compreensão do humano” (MEDEIROS, 2014, p. 22). Através dela o ser humano é capaz de ter autonomia, de ser criador, podendo expressar, em linguagem escrita, sua imaginação como fruto do conhecimento humano.

É neste sentido que acredita-se que a arte funcione como objeto de conhecimento, neste caso, fornecendo corpus de pesquisa para o estudo do fenômeno alimentar. A literatura se torna um meio adicional e potente para compreender os questionamentos profundos da condição humana, uma vez que possibilita um pensar voltado para a subjetividade do indivíduo ou da coletividade, rompendo assim com o pensamento pragmático e objetivo aos quais frequentemente os estudos das ciências hard – ou seja, exatas, tecnológicas e biomédicas – se propõem.

Então, partindo desses pressupostos pode-se afirmar que trabalhar fenômenos através do viés literário é de fato uma forma viável de método para estudos acadêmicos, pois permite (1) que o pesquisador reflita sobre a problemática em questão em seus diferentes enfoques e assim realize correlações com temáticas inerentes ao contexto da atualidade; e (2) que o artista é o mediador dessa construção do conhecimento, visto que ele expõe o universo que existe dentro de si, não se comprometendo apenas em mostrar as denúncias sociais, mas dialogando também com um imaginário coletivo que permeia a questão. Assim, a literatura excita a imaginação, proporcionando um deslocamento do imaginário para outras dimensões, fala sobre

o mundo e, sobretudo, atinge com a condição do sujeito (CHAVES, 2015).

Dessa forma, é importante destacar alguns estudos no campo acadêmico-científico que se propõem a buscar respostas direcionadas aos fenômenos – neste caso, alimentares – através da literatura (MEDEIROS, 2012, 2014). É verdade que este campo está em desenvolvimento no Brasil, mas, aos poucos, tem conseguido desdobrar resultados positivos através desse modo de fazer ciência.

Há muitos estudos sobre a fome no Brasil e no mundo, por esta ser uma problemática que atinge, relevantemente, a humanidade. A fome é uma mazela que atingiu o passado da humanidade, mas que continua terrivelmente presente na história do homem. Assim sendo, um estudo realizado em 2015 se propôs a compreender o fenômeno da fome a partir da obra literária Quarto de despejo – o diário de uma favelada, da autora Carolina Maria de Jesus. A obra foi utilizada como corpus de pesquisa, como objeto de conhecimento para poder sistematizar um conjunto de categorias que explicassem esse fenômeno. Essas categorias foram relacionadas com determinados domínios que envolviam os direitos humanos, o alimento e o ato de comer, a escrita como arma de potência e o território enquanto um (des)construtor de uma identidade individual e coletiva (CHAVES, 2015).

CIENTISTA REFLEXIVO E UMA PROSA TRANSDISCIPLINAR

Um dos desafios que estamos enfrentando atualmente implica-se na instauração de outras formas de se discutir e fazer ciência levando em consideração a religação dos

saberes, ou seja, exigindo-se uma reforma do pensamento para que objetividade e subjetividade sejam uma nova faceta para produzir conhecimento. Contraoendo-se a ideia de ruptura entre cultura científica e humanística, entre teoria e prática.

Essa reforma do pensamento traz uma necessidade de repensarmos sobre a formação de sujeitos que julgam o conhecimento como algo estático, inexplorável e fragmentado, sendo incapazes de realizarem conexões, tão pouco considerando as experiências vividas ao longo da vida. O próprio Edgar Morin tem nos instigado a exercitar um pensamento mais complexo, mesmo que isto seja um desafio para a nossa mente. Ele tem reforçado também a ideia de que a visão hegemônica científica por si só não é capaz de considerar a vida como, de fato, ela é, visto que “o conhecimento fragmentado só serve para uso técnico” (MORIN, 2003, p. 17).

Para realizarmos essas reflexões epistemológicas a respeito do pensamento complexo, é necessário que se discuta a questão de um método de abordagem para as pesquisas científicas. A começar pelo termo “método” que é confundido com a ideia de programa, gerando uma noção de metodologia desenvolvida mecanicamente. Entretanto, para Morin, esse método complexo é de uma natureza viva e visceral, está em permanente reconstrução, exigindo criatividade e sensibilidade. Dessa maneira, pode-se observar algumas possibilidades de aplicação de um método complexo, neste caso, nas práticas de educação em saúde.

No Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) criou uma Política de Humanização (Humaniza SUS) com o fim de instituir uma política pública de saúde que vise a integralidade, a universalidade e a equidade dos usuários, profissionais e gestores. Além

do Humaniza SUS, a Política Nacional de Alimentação e Nutrição traz em um dos seus princípios a alimentação como elemento de humanização das práticas em saúde. Ao pensarmos sobre isso, nos deparamos com algo que chega a ser espantoso: quais os motivos que levaram o Estado a desenvolver uma política para humanos se tornarem mais humanizados? Até quando as técnicas e parâmetros biomédicos irão se delimitar apenas no processo saúde-doença do sujeito? Quase anulando as singularidades em que ele pertence. Diante disso, é necessário que ocorram transformações no modelo de formação dos profissionais, em especial da área da saúde, para que se possa articular razão científica, prática reflexiva e sensibilidade, tomando em especial a reflexividade como ponto de partida para desenvolver autonomia e criatividade no pensar, no sentir e no querer dos sujeitos sociais (PINTO, 2010).

Por fim, compartilho de uma certa estranheza, assim como a filósofa Isabelle Stengers, em relação a sociedade atual, que tem enfrentado tantas barbáries e ao mesmo tempo tem sido engolida por um denso buraco negro de problemáticas globais atuantes nos mais diversos contextos. Esse caos global instaurado no seio da humanidade e da terra, nos leva a uma cascata de problemáticas de natureza climática, ambiental, econômica, política e, principalmente, relacionada à condição humana, que é impossível não ser atingido. Entre essas situações, mais uma vez a alimentação ganha destaque.

A sociedade contemporânea vive um constante paradoxo: nunca houve tanta informação sobre alimentação e ao mesmo tempo a população caminha para o excesso de peso. O sociólogo Claude Fischler, partindo do conceito de anomia de Émile Durkheim e

a ideia de gastronomia, criou o neologismo gastro-anomia para falar sobre esse paradoxo. Definido como um jogo de linguagem para sublinhar as dificuldades que as pessoas têm para lidar com a complexidade que se tornaram as práticas e representações alimentares na sociedade contemporânea (GOLDENBERG, 2011). Desse modo, a gastro-anomia “gera um conflito capaz de afetar o corpo. De anoréxicos a obesos, a desconfortante liberdade anômica gera padrões alimentares que retratam a crise da alimentação na contemporaneidade” (MEDEIROS; GALENO, 2013).

Diante disso, há mais conflitos entre prática e saber, método e aplicabilidade, objetividade e subjetividade e mente e corpo. É verdade que podemos alcançar uma forma de conhecer o conhecimento nos deslocando de um campo para outro, realizando correlações entre as ciências. Ela por si só está sujeito ao erro, à ilusão e ao imprevisível, sendo repleta de juízos particulares e de meandros políticos. Conhecer os limites da ciência nos faz refletir não mais sobre o que estamos buscando, mas onde queremos chegar. Nesse sentido, sujeitos reflexivos dispostos a encarar o método científico como uma estratégia ou ensaio, estão comprometidos com o pensamento complexo que está em constante construção e auto-organização. É aí que a arte tem um papel fundamental, em especial a literatura, uma vez que ela perpassa pelas mais diversas formas de conhecimento e ao mesmo tempo produz criação, reflexão e intervenção. Portanto, acredita-se que a literatura seja um dos atalhos para dialogar nos processos transdisciplinares de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Método complexo e os desafios da pesquisa. p. 103-118. In: ALMEIDA, M; CARVALHO, E. **Cultura e Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

BARTHES, Roland. **O Rumor Da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CHAVES, Viviany. **A Poética Dos Resíduos Da Cinderela Do Lixo**: Carolina Maria de Jesus em seu *Quarto de Despejo*. 2015. 100f. Monografia (Graduação em Nutrição) – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2015.

DESCARTES, R. Discurso do método. In: GUINSBURG, J; ROMANO, R.; CUNHA, N. (org.) **Descartes**: obras escolhidas. Tradução de Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Textos, 24)

GOLDENBERG, Mirian. Cultura e gastro-anomia: psicopatologia da alimentação cotidiana. Entrevista com Claude Fischler. **Horizonte Antropológico**. [online]., v.17, n.36, p. 235-256, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Tradução de António Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1978.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A ciência do concreto. In: LÉVI-STRAUSS. **O Pensamento Selvagem**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.

JACOB, Michelle. **Comer Bem, Viver Bem**: arte, cultura e educação. Natal: Aliá Editora, 2016.

MEDEIROS, Michelle. **Eça De Queiroz E A Cozinha Burguesa**. Literatura e alimentação. 2012. 174f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

MEDEIROS, Michelle. **Marcel Proust Para Além Das Madeleines**. Uma culinária indócil. 2014. 252f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

MEDEIROS, Michelle; GALENO, Alex. Olhares sobre a alimentação contemporânea: a gastro-anomia e os corpos de Botero. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 26, n. 4, p. 465-472, 2013.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução: Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PINTO, Vera Lucia Xavier. A importância da utilização da pedagogia de projetos em educação nutricional na atenção básica: a reflexividade como ideia e como ação. *In*: GUEDES, Ana Emília Leite. **As Ações De Nutrição Na Atenção À Saúde**. Natal: EDUFRN, 2010.